

não seria passível de consciência nem de conhecimento pois, para Lacan o corpo só se presta para ilusões estéticas que confirmam tenazmente que o sujeito que vê, vê apenas a língua que o fala, " uma vez que o sujeito tenta acomodar-se a esse olhar, ele se torna esse olhar, esse objeto punctiforme, esse ponto evanescente, com o qual o sujeito confunde seu próprio desfalecimento."⁽⁸⁾ Sendo assim, diante da lógica lacaniana, o apetite masculino pelo corpo feminino é resto decaído, que encontra sua formatação no coito. Para quem olha, nada revela e, para quem executa, nada garante. Como seres corporais, o sujeito que se apresenta no corpo de uma mulher é outra " nadificação ativa" que nós embriagados. apreciamos. O que ali saboreamos é pura imaginação, pois o que vemos é cegueira e o que experimentamos é o cadáver saboroso de alguém que nunca esteve ali, uma vez que é linguagem. Talvez aqui eu pudesse introduzir um outro aforismo, que partindo do "penso logo sou" chegue a um " penso logo sou", ou seja, do cógito ergo sum, para, o cógito ergo sudo, e que, em si mesmo contenha uma verdade imperfeita que só a ação permite.

Descartes, em suas "Meditações", afirma:

"Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez".⁽⁹⁾

Aqui também vemos que o sujeito que pensa não pode ser aquele que percebe e o que goza não é o que sua. O sujeito do cógito deve tentar despossuir o mundo dos sentidos que vem do corpo. é necessário que se crie uma linguagem, um código ou um sistema próprio de notação para que o homem deixe de ver com o olho que olha, para ver com uma álgebra sem corpo. O olho da álgebra, para Descartes, garante a verdade, o do corpo, a ilusão. E, para Lacan, nem a álgebra nem o corpo podem olhar ou ver qualquer verdade, porque, aquilo que se vê é mancha, é anamorfose e, mais que isto, já não sou eu quem olho, pois,

diante do espaço iluminado, sou eu quem sou olhado pelo objeto que olho. Aqui, mais uma vez, o sujeito (seja ele o do corpo, seja ele o do cógito) perde o seu centro; mais uma vez nadificado produz suas construções cognitivas, científicas ou míticas e também suas tatuagens, que só podem se sustentar como divertimento humano cotidiano enquanto se aguarda a morte desse corpo que é, mas nada vale diante do supremo saber do símbolo e da álgebra matemática.

Assim do homem deitado no divã àquele que perscruta os acontecimentos na tela de um acelerador molecular - ele observa seu corpo e os corpos dos objetos com o olho da língua; nada pode ver senão seu desejo refletido a constituir seu olho, pois " vendo-se ver", só vê, por se recusar a ver. Portanto, à luz desse olhar, o corpo fica ali depositado em estado de coma, sustentando dois hóspedes que não o desejam e que se odeiam mutuamente. A saber: o sujeito do cógito e o do inconsciente.

para Durval Mazzei Nogueira F^o

Emir Tomazelli.

Professor do Curso : Formação em Psicanálise.

RECORTANDO MAX PAGÉS: CONCEITOS REDUTORES DA RELAÇÃO EM FREUD E NA PSICANÁLISE.

Max Pagés é um autor não psicanalista, psicossociólogo, professor de Psicologia Social na Universidade de Paris - Dauphine. Em seu clássico " A vida Afetiva dos Grupos: Esboço de uma Teoria da Relação Humana" ⁽¹⁾, publicado em 1975 e escrito em uma abordagem existencial humanista, visa a construção de uma teoria geral dos grupos fundada sobre o conceito de relação. Tem o conceito de relação humana como o conceito- chave para a compreensão dos grupos humanos e dos indivíduos. A relação humana é definida como " a experiência afetiva da descoberta do outro, quando esta descoberta é

⁽⁸⁾ - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 83

⁽⁹⁾ - 1ª Meditação, Descartes, R. - 1983, Ed. Abril, p. 85/86.

⁽¹⁾ - Pagés, M.

feita coletivamente no encontro presente com outros homens"⁽¹⁾.

A Parte I refere-se à história do Grupo da Baleia, uma descrição e análise de um grupo de formação. A parte II apresenta uma teoria geral da vida afetiva dos grupos e a III apresenta os métodos e a epistemologia da prática e da pesquisa psicossociológica.

O autor acredita estar separado dos pontos fundamentais da Psicanálise, teórica e metodologicamente, mas reconhece o valor da terapia psicanalítica, inclusive da própria análise para a publicação deste livro. Entretanto, pensa que a eficácia da terapia psicanalítica, em geral, fica diminuída e o tratamento se torna mais lento "por toda espécie de barreiras defensivas que o método psicanalítico interpõe na relação entre o terapeuta e o paciente e que podem ser eliminadas". Em relação à teoria psicanalítica considera ter esta uma concepção instrumental da relação humana, reduzindo a relação aos instintos possessivos (libidinais) e aos destrutivos. Ainda concorda com Balint de que as teorias psicanalíticas descrevem insatisfatoriamente a relação paciente-terapeuta.

Consegue recolher e fundamentar teoricamente tudo o que foi escrito do impressionante desenvolvimento dos métodos de grupo, que até a publicação desta obra apenas tinham sido apresentados empiricamente por outros autores. Faz uma série de análises críticas a respeito das diversas teorias, da lewiniana à psicanálise, sob o fio condutor de sua própria teoria da relação humana.

Neste recorte, vou apenas salientar algumas críticas feitas por Pagés - em um dos capítulos da Parte II - a Freud e à psicanálise. Para saber de todo o contexto da obra e de todas as críticas ali contidas aos diversos corpos teóricos e metodológicos de grupos, bem como para dar conta de todas as respostas explicativas encontradas pelo autor no contexto de sua própria teoria, fica aqui uma provocação e um

convite ao leitor que se interesse por esse trabalho.

No capítulo destinado a pensar as concepções freudianas sobre grupos, presentes na "Psicologia de Grupo e Análise do Ego", de 1921⁽²⁾, a par com as concepções, na mesma obra e na "Introdução ao Narcisismo", de 1914⁽³⁾, a respeito das modalidades fundamentais de relação, Pagés trata com atenção especial aqueles conceitos freudianos que, segundo ele, empobrecem pelo reducionismo a relação humana.

O autor primeiramente analisa e critica o(s) conceito(s) de identificação e a tipologia de escolhas amorosas em Freud - escolha de objeto narcísica e escolha de objeto analítica. Inclina-se a favor de derrubar a tese freudiana da dualidade primitiva da relação amorosa ("ser" e "ter"), considerando que a relação primitiva pode ser descrita como o efeito de uma tendência à assimilação do sujeito e do objeto, agindo indiferenciadamente - uma única relação amorosa primitiva, que sintetiza o "ser" e o "ter", a identificação e a escolha de objeto, como um desejo de união universal.

Considera, também, que é válido interpretar as outras formas de identificação descritas por Freud além da identificação primária, como produtos de uma diferenciação libidinal ulterior desta relação primitiva fundamental. É o caso da identificação secundária edípica, parental e fraterna.

Pagés conclui que a relação com o outro é, para Freud, essencialmente do tipo possessivo - com base numa tendência primitiva à apropriação - e do tipo destrutivo da realidade do outro. O outro para Freud "é apenas o prolongamento dos desejos do sujeito, uma emanção do próprio sujeito".⁽¹⁾ A relação resulta do narcisismo primário (satisfação das necessidades) ou do narcisismo secundário (amor de si mesmo). "O outro nunca é considerado, pelo menos primitivamente, senão como objeto de satisfação de desejo ou como obstáculo do desejo"⁽¹⁾. E mais, o problema permanece mesmo nas formas

(1) - Pagés, M.

(2) - Freud, S.

de relação humana mais evoluídas, que correspondem a um reconhecimento e a um amor mais autênticos pelo outro e que, em Freud, poderiam ser encontradas no amor genital adulto. Isto porque estas formas de relação humana "constroem-se no final de um processo complicado e frágil, por uma série de mecanismos de interiorização dos instintos de posse e de destruição, que permitem dar figura humana ao outro, primitivamente objeto do desejo ou obstáculo do desejo"⁽¹⁾. Assim, diz Pagés, na psicanálise freudiana, a relação humana autêntica é ilusória, um fenômeno secundário, do qual se pode duvidar da realidade: "o outro só existe para mim como objeto perdido do desejo"⁽¹⁾. O desejo, contraditoriamente e ao mesmo tempo, é o que funda o outro e o que o encobre; o que oculta para o sujeito, a realidade do outro.

Para Pagés esta é a concepção instrumental da relação reduzida a instintos possessivos e destrutivos, impotentes para fundar o reconhecimento da realidade do outro. A relação com o outro surge, no seu fundo original, como uma negação radical da alteridade do outro.

Este é apenas um exemplo sugestivo do que trata o livro. Não cabe a este recorte discutir estas críticas, nem outras tantas feitas à psicanálise neste livro de quase quinhentas páginas. O próprio autor, sete anos depois, no prefácio à segunda edição, penitencia-se de sua acirrada crítica, afirmando mesmo que o livro foi escrito dentro de uma posição existencial ingênua, na qual o livro parece assexuado, platônico e idealista, negando, sobretudo, a questão dialética. Cabe aqui, sim, a indicação para a leitura do livro, pois considero que as perguntas e críticas ali contidas, bem como as respostas encontradas pelo autor - algumas delas até "erradas" se olharmos do ângulo psicanalítico - serão de extrema utilidade a qualquer psicanalista que se interesse por teoria da relação humana ou por teoria e técnica psicanalítica de grupos, especialmente pelos temas do narcisismo e das identificações. Talvez até para refletir e repensar as respostas que a psicanálise tem dado ou venha a dar a respeito de tais colocações. Uma forma de nos forçarmos a entrar no referencial do outro

⁽¹⁾ - Pagés, M.

para contra argumentar com posições psicanalíticas, já conhecidas ou inovadoras, de modo a bem fundamentá-las dentro de cada um de nós e dentro do corpo teórico da ciência em geral e da psicanálise em particular. Um modo de ampliar as possibilidades do psicanalista e da psicanálise, teórica e tecnicamente, saindo de nosso referencial, às vezes tão fechado que nos impede de nos entendermos mesmo entre nós.

BIBLIOGRAFIA

(1) PAGÉS, M. - "A Vida Afetiva dos Grupos: Esboço de uma teoria da relação humana" - Petrópolis - Ed. Vozes - 1982.

(2) FREUD, S. - "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" - In Obras Completas - R.J., Imago Ed. 1976.

(3) FREUD, S. - "Sobre o Narcisismo" - In Obras Completas - R.J., Imago Ed., 1976.

MARIA LUIZA SCROSOPPI PERSICANO.
Professora do Curso: Formação em Psicanálise.

III - ARTIGOS:

"UMA ABORDAGEM FREUDIANA À COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO PSICÓTICO"

"Uma abordagem freudiana à compreensão do desenvolvimento psicótico" é o resultado de uma interação prolongada entre um foco de interesse e afinidade teórica com a realização prática do ensino da psicanálise num curso de formação. Sua intenção fundamental é traduzir uma síntese organizadora de uma das leituras freudianas possíveis, como modo de aproximação ao fenômeno psicótico.

Como síntese, o texto traz o universo teórico-conceitual freudiano em todo seu alcance metapsicológico destacando as noções de